

LINGUAGEM E CULTURA¹²⁹

Maria Lucia Mexias-Simon (USS; CiFEFiL)
mmexiassimon@yahoo.com.br

RESUMO

Tratamos da língua como manifestação de uma visão do mundo e, ao mesmo tempo, como instrumento formador dessa mesma visão do mundo, num jogo de espelhos, em que a língua suporta e é suportada pela comunidade que a utiliza, isto é, o relacionamento da língua com seu usuário. A falta de conhecimento da época e lugar onde o discurso é produzido pode levar a distorções.

Palavras-chave: Pragmática. Língua. Discurso. Lexicologia. Cultura.

A palavra cultura, como muitas outras pode ser tomada em vários significados: refere-se à reverência aos deuses, ao trabalho do campo, opõe-se a barbarismo, pode ser tomada como volume de informações, devido por pessoa ou grupo de pessoas, como sinônimo de excelência em letras e artes, como erudição (cultura inútil). Tomemos, aqui, *cultura* no seu sentido antropológico: maneira como as pessoas usam os meios naturais para garantir sua sobrevivência, seu conforto, seu prazer. Não se fará nenhum julgamento de valor *a priori*, quanto à qualidade, estética ou intelectual de arte, literatura etc.

A linguagem é, portanto, um dos traços culturais adquiridos (a par de outros, como religião, conduta etc.) em função de o indivíduo pertencer a determinada comunidade, não havendo, para isso, disposição inata, nem limitação física, como acontece com habitação, vestuário etc. Por outro lado, o indivíduo não cria a linguagem, faz uso daquela que a sociedade lhe transmitiu.

Cultura será o conhecimento que a pessoa tem em virtude de ser membro de determinada sociedade. Conhecimento, aqui, envolve o saber prático, quanto a saber se algo deve ser feito de determinada maneira para melhor resultado, independentemente de sua veracidade real. Não se distingue, nesse momento, o saber teórico do saber prático, ou mesmo da chamada superstição. Não há limites nas diversas estruturas linguísti-

¹²⁹ Uma versão deste trabalho foi apresentada no Congresso Internacional "Português – Língua do Mundo", na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na primeira semana de novembro de 2014.

cas. Por outro lado, os vocabulários não são isomórficos. Os esquimós não têm *uma* palavra para neve; os aborígenes da Austrália só contam até quatro. Mesmo dentro de uma comunidade lingüística, a codificação não é constante nem uniforme (cara, rosto; ganhar neném/dar à luz/parir/descansar). Entre duas sociedades, haverá sempre um grau maior ou menor de justaposição. Só podemos codificar aquilo que nos é conhecido. Os próprios recursos do sistema permitem aos falantes aumentar a possibilidade de codificação, quando interessa, ou surge a necessidade, não sendo a língua uma finalidade em si mesma e sim um fator de expressão e comunicação social. É uma pauta sobre a qual se realizam os diversos atos de fala. É, também, acompanhamento de cada fato social, permitindo atuação dos membros da comunidade, uns sobre os outros. Daí o caráter mutante das línguas. Todas as línguas estão em mutação, só não mudam mais pelo peso da tradição (gramática e dicionário). Há elementos da língua mais resistentes às mudanças: as preposições, conjunções, flexões verbais. Já o inventário dos nomes e verbos está sempre em aberto. (Ex.: laranja – falso proprietário; zebra – resultado inesperado; deletar – apagar) Esse enriquecimento provém de tecnômonos, gírias (linguagem grupal), estrangeirismos (Ex.: delivery etc.) e deslizar de sentido. Ex.: pisar na bola)

Essa criação de novas palavras, ou de atribuição de sentidos novos a palavras já existentes, denomina-se neologia. É o processo de criação lexical que enriquece o vocabulário de uma língua. O elemento resultante desse processo, portanto, a nova palavra, denomina-se neologismo. Trata-se de um ato e de um fato social, formado por processos autóctones, ou por estrangeirismos, através de mecanismos diversos, inclusive o hibridismo, diacrônica e sincronicamente elaborado (palavras formadas por elementos de línguas diferente. (Ex.: televisão, ultrassonografia etc.).

As culturas grega e latina tem sido fonte inesgotável para a formação de compostos eruditos, fornecendo radicais para os neologismos da linguagem técnico-científica, geralmente internacionalizados. Existem até terminólogos, encarregados de nomear as descobertas técnicas e científicas, de modo que o vocábulo se adapte bem ao fim desejado, sobretudo nas línguas ocidentais.

Tais termos visam a preencher lacuna lexicais e não só lexicais. (Incluem-se, por exemplo, pronomes de tratamento: Ex.: brother, mer-mão, amigão etc.).

Para Humboldt, a diversidade entre as línguas não é só uma ques-

ção de sons e signos, é uma questão de visão do mundo, de diferentes perspectivas. Quando se passa de uma língua a outra, perde-se a perspectiva. Lacan diz que nenhuma linguagem pode dizer toda a verdade de outra linguagem, porque ambas são apenas elementos dispersos de uma linguagem inicial e onipresente, adaptados às condições geográficas.

Em relação ao que diz A. Schaff, observamos que talvez as pessoas possam libertar-se do subjugo do discurso a seu redor, mas não tão facilmente. As formas dos pensamentos de uma pessoa são controladas por inexoráveis leis de padrão das quais ela é inconsciente. E cada língua é um vasto sistema padrão diferente de outros, no qual são culturalmente ordenadas as leis e categorias, mediante as quais a personalidade não só se comunica, mas também “analisa a natureza, nota ou negligencia tipos de relações e fenômenos, canaliza seu raciocínio e constrói a casa de sua consciência”. (PENA, 1976, p. 82).

Daí partindo, temos o objeto da filologia – estudo de uma sociedade através de seus registros escritos (já que registros orais, antigos não os há). Portanto, a primeira tarefa do filólogo é garantir a autenticidade do texto, por processos científicos. Uma vez autenticado o material de trabalho, esbarramos na dificuldade de passar a visão do mundo expressa em um idioma a outro idioma que recorta outra visão do mundo.

Exemplo: *A República* de Platão (em grego *politeia*) não trata de república, tal como a conhecemos – forma de governo. Trata da coisa pública, de modo geral: *Res publĭca*. Pathos, em grego pode ser emoção, sensação, sentimento, que em português têm significados diversos. A qual desses significados Aristóteles se refere, na sua *Poética*. Já o verbo *poios*, tinha o significado de criar; A poética trata da criação (no caso, a literária) não necessariamente em forma de poesia, tal como a entendemos. É preciso conhecer a época e seu contexto social.

Tomando o Novo Testamento com documento histórico: é vazado na linguagem oriental, revela o pensamento oriental, com sua visão do mundo. Contar histórias para passar ensinamento sempre foi costume dos povos semitas. Inicialmente, o Evangelho, pelo menos o de S. Mateus, foi escrito em aramaico, muito tempo depois de decorridos os fatos a que se refere. Os Evangelhos de Marcos, Lucas e Mateus são chamados sinóticos, pois guardam uma certa semelhança. O Evangelho de João é o mais distante dos fatos, é um ancião contando suas memórias. Usa a expressão “filhinhos”. Lucas, como médico, era o mais instruído: cita como o Menino Jesus foi enfaixado ao nascer; na passagem da mulher que pa-

dece de um fluxo de sangue, os outros evangelistas mencionam ter ela gasto muito dinheiro com médicos, menos Lucas. Marcos, o menos instruídos, faz frases incompletas, com falta do verbo da oração principal, típico de quem não tem muita intimidade com a linguagem escrita. Como era de se esperar teve poucos leitores, pelo analfabetismo em geral, da época, sobretudo dos primeiros cristãos. Do aramaico, os Evangelhos foram passados ao grego, mas no grego mais simples que o de Platão, a *Koiné*, já que o Cristianismo penetrou pelas classes mais humildes. Usou-se, por exemplo, o termo diabo (do grego *diabolos* – dia = através + bolos = lançar). Diabo é aquele que lança obliquamente, “que joga verde para colher maduro”, não necessariamente o ser que habita regiões extra-terrenas ou que aplica terríveis castigos. Na passagem em que Jesus pergunta a Pedro, três vezes: – Tu me amas? Em cada vez usa-se um verbo diferente em aramaico e em grego: *phileo* (ser adepto) *hedon* (ter prazer na companhia) e *agãpe* (amar como deus). Na terceira vez, Pedro se impacienta, aparentemente. Na verdade discorda da terceira espécie de amor, talvez supondo já um exagero. Quando os discípulos perguntam: És Elias, és esse outro profeta? E dizem: *Ho propheta eis* (És o profeta), isto é o maior dos profetas, o profeta padrão. No latim, como não há artigos, perdeu-se a expressividade. Uma solução seria usar um pronome demonstrativo – *aquele*.

Ainda no latim, *infernus* é aquilo que está em posição inferior em relação ao falante, (comparativo de infra) não um lugar de punição eterna. Como pelos vulcões, fontes de água quente, sabia-se haver fogo sob a crosta terrestre, associou-se inferno a fogo eterno e daí a castigo.

Em uma das Epístolas, Paulo diz: “Essas palavras escrevo em grandes letras, com a minha própria mão”. Não são palavras mais importantes que outras e sim escritas sem ajuda de um discípulo (Timóteo ou Barnabé) naquele momento, já que Paulo enxergava com dificuldade.

Passando ao português, temos o primeiro documento escrito em *puro* português em Camões com Lusíadas, celebrando o grande feito dos lusitanos. Enquanto Gil Vicente usava castelhanismos, D. Dinis provençalismos, Camões produziu a primeira obra no português dito castiço, sem misturas. O poema foi escrito em Goa, onde o autor estava em semidesterro, pelas suas aventuras amorosas. Foi nomeado “curador de defuntos e ausentes” o que lhe dava lazer suficiente para produzir sua obra e, por outro lado, deixava-o a salvo de outras influências, uma vez que havia poucos europeus nas redondezas.

Considerando os nomes das diferentes cores, vemos que funcionam como signos diferentes, nas diferentes culturas, constituindo, portanto, uma *linguagem*, uma vez que reúnem um significante a um significado (o que a cor simboliza).

Podemos exemplificar com os sinais de trânsito, os cartões no futebol, as faixas nas artes marciais e, muito marcadamente, as vestimentas religiosas. Para as cerimônias matrimoniais, em nossa cultura associa-se o branco à noiva, o que já não acontece em outras comunidades.

Mas, pela globalização cultural, podemos dizer que, em geral, se associa:

Azul claro, rosa claro e, sobretudo, branco a pureza, mocidade, romantismo

Vermelho – paixão, alegria, mesmo provocação.

Roxo – dignidade, altos cargos

Preto – morte, luto

Amarelo – covardia (não é neologismo, nas pinturas bizantinas o manto de S. Pedro é sempre amarelo, em referência a traição cometida em relação a Jesus Cristo; também Francisco I, da França, mandava pintar de amarelo as portas das casas dos traidores).

Haverá uma razão natural ou trata-se de mera convenção?

Ainda se associa facilmente o efeito visual a outros sentidos, no que se chama sinestesia. Falamos em cores quentes, cores frias, cores berrantes. E ainda em cores triste e cores alegres. Haverá uma associação natural entre cores e sentimentos? Há cores que “levantam” e cores que deprimem? Há cores naturalmente femininas e cores naturalmente masculinas? Os eletrodomésticos em vermelho, amarelo e mesmo azul tiveram vida passageira, retornando-se ao branco e metálico. Por quê? O significante tornou-se um significado universal?

Os nomes de cores, além de um significado puramente descritivo, possuem significado expressivo e social. As cores matizam-se gradualmente, apresentando um termo básico para o foco e termos secundários para os tons periféricos. O que é foco e o que é periférico está aberto à discussão, conforme o contexto social. Por exemplo, não se pode traduzir para o russo “Minha cor preferida é azul”, pois não há, nessa língua, um só termo para azul e sim, vários, de acordo com a tonalidade do azul. Por

outro lado, não há termos em todas as línguas que abranjam todos os valores de *brown*, ou *blue* do inglês.

Consideremos as denominações das tonalidades a seguir. Serão decodificáveis em qualquer cultura, isto é, seriam traduzíveis em todas as línguas?

Amarelo-canário	Havana	Uva
Amarelo-ovo	Laranja	Verde-bandeira
Âmbar	Lilás	Verde-esmeralda
Azul celeste	Marfim	Verde-limão
Azul turquesa	Marron (ou castanho)	Verde-musgo
Azul-marinho	Mel	Vermelho-cardeal
Azul-pavão	Mostarda	Vermelho-cereja
Azul-piscina (ou verde-piscina)	Púrpura	Vinho
Branco-macumba	Rosa schoking	Violeta
Creme	Tijolo	

Em resumo, a língua, através dos discursos nela vazados, mostram uma visão do mundo. É manifestação de uma cultura, necessita de uma cultura que lhe dê suporte, sendo a própria língua também suporte dessa cultura. Daí o fracasso das línguas artificiais. O esperanto é a 35ª tentativa, na história da humanidade, de se criar uma língua artificial. Daí, também, o perigo do abuso dos estrangeirismos, desnecessariamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso: *Dicionário de linguística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1997.
- GNERRE, Maurizio, *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Ática, 1997.
- LYONS, John. *Língua(gem) e linguística*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- ORLANDI, Eny P. *A linguagem e seu funcionamento*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- PENNA, Antonio. G. *Comunicação e linguagem*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1976.
- PIGNATARI, Décio. *Informação, linguagem, comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1989.